

4468

385

1

Calote oficial

O episódio em que o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, quase foi sequestrado por índios xavantes, no final do mês passado, em Brasília, sem dúvida, configurou mais uma etapa na atribulada existência desse órgão.

Os índios, remanescentes do Vale do Araguaia, parecem ter visto na intimidação a melhor maneira de protestar contra uma possível extinção da Funai. O incidente, na verdade, acabou se tornando bastante oportuno para trazer à tona uma questão: até onde se justificaria a existência desse órgão no contexto da política indígena (?) do País?

A mais recente polêmica envolve agora a Funai com um calote que passa do meio milhão de reais junto ao comércio de Colíder, cidade distante 650 Km ao Norte de Cuiabá, onde existe uma reserva dos índios caiapós. Conforme matéria publicada com exclusividade por este DIÁRIO, ontem, a administração do órgão está com o crédito cortado em diversos estabelecimentos comerciais de Colíder. Em função dessa irregularidade, pelo menos 2.500 índios de cinco nações indígenas atendidos pela Funai na região passaram a enfrentar problemas de assistência nas áreas de saúde e transporte, notadamente. E a situação só tende a piorar.

Com efeito, a dívida da Funai

para com os comerciantes chega ao montante de R\$ 543 mil — valor equivalente à metade das despesas anuais da administração regional, que atinge R\$ 1,2 milhão. E a revolta dos índios começou a crescer a partir de 30 de setembro passado, que era o prazo final para a direção da Funai quitar a dívida. E existem alguns débitos que chegam a um ano e oito meses de atraso, com pelo menos 15 empresas na lista de credores do órgão. E, ao que se informa, muitos desses débitos teriam sido contraídos sem nenhuma previsão orçamentária.

O quadro é desolador: nos últimos dias os índios passaram a enfrentar dificuldades,

pois os comerciantes não têm mais como atendê-los. E a situação se tornou ainda mais delicada a partir do momento em que surgiram boatos de que o presidente da Funai teria anunciado, em Brasília, um calote geral para todo o País.

O sintomático é que pelo menos diariamente um comerciante tenta falar com o presidente da Funai, por telefone, mas ele nunca se dispõe a atender, para pelo menos dar uma satisfação. Assim, a conclusão mais imperativa poderia ser a de que, definitivamente, está instituído o calote oficial no órgão. Se é assim, já não existiria mais nenhuma razão plausível para a existência na Funai.

A instituição do calote por parte da Funai coloca em dúvida a razão de sua existência